



PEQUENA MEMÓRIA DE UM GRANDE HOMEM

Como Vi CASTELLO ao Longo de Minha Vida

Gen-Bda Octavio Costa

Aspirante a Oficial da Turma de 1942. Promovido a General de Brigada em 31 de julho de 1974.

Integrou a Força Expedicionária Brasileira (FEB), exerceu as funções de Chefe da Assessoria Especial de Relações Públicas (AERP) da Presidência da República, e Chefe de Gabinete do Estado-Maior do Exército. Comanda atualmente a 6a. Região Militar.

1. PALAVRAS INICIAIS

Ao chegar à Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, atendendo a generoso convite de seus alunos, para participar da já tradicional comemoração do aniversário de nascimento do Marechal HUMBERTO DE ALENCAR CASTELLO BRANCO, acodem-me estas palavras do Ex-Presidente EMÍLIO MÉDICI: "minha emoção move a roda do tempo e traz comigo a ausência nunca aceita do Presidente CASTELLO BRANCO".

Minha emoção move a roda do tempo. HUMBERTO DE ALENCAR CASTELLO BRANCO nasceu, para mim, em 1941, no Realengo, quando eu era Cadete do 4º ano de Infantaria. Durante 25 anos, foi presença obrigatória na carreira que eu ali inclava, uma das mais fortes personalidades que pude encontrar ao longo de meu caminho. Proponho-me, então, a dizer-lhes como vi CASTELLO ao longo de minha vida, e isso será apenas a pequena memória de um grande homem.

2. O TENENTE E O CAPITÃO

a. Sua turma de formação

Ao chegar à Escola Militar do Realengo, para substituir, no Comando do Batalhão de Infantaria, o Major JOÃO DIAS CAMPOS, um dos primeiros de sua turma, o Major CASTELLO BRANCO trazia a fama de grande profissional e voltava à casa que lhe era familiar.

Vinha do Gabinete do Ministro da Guerra e era então considerado um dos príncipes da Infantaria Brasileira.

Aspirante-a-Oficial de 18 de janeiro de 1921, fora aluno mediano, 33º em 95, de brilhante turma de destacados infantes, como ALCINDO NUNES PEREIRA, JOÃO DE SEGADAS VIANNA, ARTHUR DA COSTA E SILVA — seu colega desde o Colégio Militar de Porto Alegre —, HUGO SILVA, ALCEBIADES TAMOYO DA SILVA, OLYMPIO MOURÃO FILHO, AGUINALDO CAIADO DE CASTRO, NILO AUGUSTO GUERREIRO LIMA, ARMANDO CATTANI, ARMANDO BAPTISTA GONÇALVES, IGNÁCIO DE FREITAS ROLLIM, MARIO TASSO SAYÃO CARDOSO, FRANCISCO SILVEIRA DO PRADO, ANTONIO JOSÉ COELHO DOS REIS, OCTAVIO MASSA, ARMANDO DE MELLO MEZIAT, JAIR DANTAS RIBEIRO, RENATO RODRIGUES RIBAS, JOÃO BAPTISTA RANGEL, IGNÁCIO DE LOYOLA DAHER, AGENOR DE ANDRADE, SAMUEL DA SILVA PIRES, JOÃO BAPTISTA DE MATTOS, JOÃO URURAHY DE MAGALHÃES, NAPOLEÃO DE ALENCASTRO GUIMARÃES, JOÃO DE ALMEIDA FREITAS, ARMANDO LEVY CARDOSO, JOÃO SARAIVA, MANOEL JOAQUIM GUEDES e IRACY FERREIRA DE CASTRO.

Na Cavalaria, havia MILTON CEZIMBRA, ERNESTO DORNELLES, JOSÉ DANTAS ARÊAS PIMENTEL, RIOGRANDINO KRUEL, ELEUTÉRIO BRUM FERLICH, ESTEVÃO TAURINO DE REZENDE NETO, JOSÉ THEÓPHILO DE ARRUDA, INIMÁ SIQUEIRA, AMAURY KRUEL, THALES MOUTINHO DA COSTA e HEITOR LOPES CAMINHA.

Entre os artilheiros, estavam EMILIO MAURELL FILHO, LUIZ ANTONIO BITTENCOURT, JOÃO PUNARO BLEY, AMANGÁ LIBERATO DE CASTRO MENEZES, WALDEMAR LEVY CARDOSO, os irmãos ALCIDES e NELSON GONÇALVES ETCHEGOYEN, OLINDO DENYS, SAINT CLAIR PEIXOTO PAES LEME e ADHEMAR DE QUEIROZ.

Eram seus colegas de Engenharia: ARY MAURELL LOBO, ANTONIO GUEDES MUNIZ, ATTILA MAGNO DA SILVA, BENJAMIM RODRIGUES GALHARDO, EDMUNDO MACEDO SOARES E SILVA, BERNARDINO CORREA DE MATTOS NETTO e OCTACÍLIO TERRA URURAHY.

Todos os que, como nós, conhecem os vínculos de camaradagem, solidariedade e amizade que unem os companheiros de uma mesma turma de formação, à simples enunciação de alguns desses nomes, bem podem compreender tantos episódios de que vieram a ser personagens.

b. Seu primeiro quartel

Sua primeira unidade — o 12º Regimento de Infantaria — aquartelado em Belo Horizonte, foi decisiva para toda a sua vida. Serviu no 12º RI três anos consecutivos, de 1921 a 1923.

Em 1922, casou-se, em Belo Horizonte, com Dona ARGENTINA VIANA CASTELLO BRANCO.

Em 1924, ainda Tenente, fez o curso de aperfeiçoamento, conquistando o 2º lugar de sua turma.

Em 1925, voltou ao 12º RI, nele permanecendo até o fim de 1926. Nesse ano, comandando um destacamento, participou de operações militares, em defesa da legalidade contra os revolucionários, e isso haveria de interiorizar-lhe forte espírito legalista.

Quarenta e cinco anos depois, já Presidente da República, no quartel do 12º RI faria um dos seus mais importantes discursos militares, talvez o mais confidencial e memorialístico de todos os seus pronunciamentos.

"Na manhã de 28 de fevereiro de 1921, eu me apresentava, como Aspirante-a-Oficial, a esta unidade, 12º Regimento de Infantaria. Iniciava-me nas responsabilidades do oficialato militar. Trazia do Realengo entusiasmo pela carreira das armas, curiosidade pelo exercício das múltiplas funções que ia desempenhar e a consciência de poder bem servir ao Brasil. (...) A 28 de fevereiro de 1921, sentia o fascínio da profissão que abraçara e à qual exclusivamente me devotiei" (...) "Encetei a vida da caserna participando de uma tumultuada ruptura dos processos de combate de antes da Primeira Grande Guerra para a adoção da tática já então ensinada nas escolas pela Missão Militar Francesa. A luta que presenciei entre o velho e novo foi breve, caindo passo a passo as restrições dos preconceitos e ficando para trás a passividade da preguiça intelectual. Constituiu isso ensinamento para toda a minha carreira, uma lição sempre presente para mim em outras fases decisivas de nossa evolução militar. Quando, mais tarde, na Escola de Comando e Estado-Maior, entrei, como Diretor de Ensino, na encarniçada peleja para admitirmos de vez a organização e a tática da Segunda Grande Guerra, eu me recordava das discussões aqui travadas e verificava, mais uma vez e em maior escala, que só é possível empreender as mutações de estruturas com o ideal de sobrevivência da instituição e de posse de vigorosas forças do espírito, além do conhecimento aprofundado do que envelhece e do que pode ser inovado" (...) "Senti a profissão, no começo, ora áspera, ora atraente pelos resultados e preocupações psicológicas. O mais difícil consistia, como prescrevia o manual, em me tornar exemplo para os instruídos e subordinados. A experiência ampliou-se em quase um ano de campanha ao longo dos Rios Paraná e São Francisco e através do Sertão da Bahia".

"De tal base parti para as tarefas de formar oficiais de tropa, de Estado-Maior e para o exercício de comandos".

É fácil compreender a importância do 12º RI e de Belo Horizonte na vida de CASTELLO BRANCO. Começava ali a ser ele mesmo, no brilho de sua inteligência, na fortaleza do seu caráter. Compreende-se porque a Escola Militar e o Colégio Militar de Porto Alegre não tinham feito total justiça a seu valor. Dele não se podia dizer ser o modelo apolíneo do cadete, sendo fácil perceber as desvantagens que teria de levar na apresentação pessoal, no esporte, na ordem unida, na instrução a cavalo. Na verdade, não era um soldado de encher a vista, estava longe de ser elegante, garboso, esbelto, apumado e desportivo. Vendo-se, pela primeira vez, na posição singular de comandante diante de seus homens, teria de afirmar-se para toda a vida: na superioridade de seu valor moral e de seu valor intelectual, pela tenacidade, pela total consagração à missão, pela competência profissional.

É de justiça dizer-se haver conquistado, em Belo Horizonte, afanosa e arduamente, com as extraordinárias energias de seu caráter e sob a inspiração dessa admirável mulher, que foi Dona ARGENTINA, sua reputação de soldado invulgar, seu imenso renome de instrutor. E tanto foi assim que, já em 1922, o General SETEMBRINO DE CARVALHO, Comandante da 4ª RM, dele dizia ser "profissional autêntico, entregue única e exclusivamente aos afanosos trabalhos de preparação militar, alheio a tudo que não fosse estímulo e incitamento à eficiência técnica do Exército".

c. Instrutor e oficial de Estado-Maior

Sua excepcional atuação como subalterno do 12º RI e no curso de aperfeiçoamento haveria de credenciá-lo à volta ao Realengo, como instrutor de Infantaria. Integrava-se, assim, nos anos de 1927 e 1928, à obra da Missão Francesa que, no dizer do General ORLANDO GEISEL, "prolongando o idealismo desbravado dos "jovens turcos", acelerava o reencontro com o verdadeiro espírito da profissão, decadente depois do Paraguai e da fase positivista, de muita ciência e pouca vivência".

Nos anos 1929, 1930 e 1931, ainda 1º-Tenente, cursa a Escola de Estado-Maior, então sob a orientação da Missão Militar Francesa, laureado o seu valor profissional, com o primeiro lugar de sua turma.

Em 1932, inicia como 1º-Tenente o estágio no Estado-Maior do Exército que vem a concluir já promovido a Capitão.

Volta à Escola Militar, em 1933, na condição de Adjunto do Diretor do Ensino Militar, e serve, pela primeira vez, com o então Coronel JOÃO BAPTISTA MASCARENHAS DE MORAES.

Em 1934, ensina Tática na Escola de Estado-Maior e seus chefes destacam, no jovem Capitão, "a aptidão didática e a inextinguível dedicação às suas funções".

Volta à tropa, em 1935, sucessivamente, para o 15º Batalhão de Caçadores e o 13º Regimento de Infantaria. Sua presença domina tão intensamente

aqueles quartéis de Curitiba e Ponta Grossa que o Ten-Cel PENEDO PEDRA diz que ele "possui as qualidades do verdadeiro soldado e é mestre da arte da guerra, que nunca será esquecido pela serena justiça de seus camaradas".

Ei-lo, em 1936, pela segunda vez, na Escola de Estado-Maior, uma vez mais professor de Tática e História Militar.

Em 1937, ainda Capitão, é indicado para cursar a Escola Superior de Guerra, de Paris, e seu renome mais se amplia, destacando-se pelo completo domínio do idioma francês e como um dos melhores alunos.

3. O OFICIAL SUPERIOR

a. De volta da França

Retornando da França já promovido a Major, serve, de novo, como Instrutor da Escola de Estado-Maior, ainda ensinando Tática e História Militar, seguramente as duas atividades intelectuais que mais o fascinaram ao longo de toda a vida.

Em princípios de 1941, é nomeado oficial de Gabinete do Ministro da Guerra e, no mesmo ano, designado para servir como Instrutor da Escola Militar do Realengo, pela terceira vez, agora como Comandante do Batalhão de Infantaria.

b. Comandante do Batalhão de Cadetes

Quando chegou ao Realengo, vivíamos o clima da 2ª Grande Guerra, em sua fase mais crítica, nas vésperas da agressão de Pearl Harbour.

Era época de exaltação do poder militar. A eficiência dos exércitos em luta excitava a imaginação dos que se preparavam para ser oficiais do Exército Brasileiro. Nosso Governo ainda não se definira e parecia querer tirar o máximo partido da situação de guerra. Todos sabiam que havia germanófilos nos mais altos postos e a que as cinzas de nossa experiência integralista ainda estavam bem vivas.

Para os cadetes daquele tempo, mais do que em outro, os sinais exteriores de apresentação e de marcialidade dominavam a vivência militar. Era tempo de botas de talão alto, de túnicas fechadas, de talabartes e de amplos capacetes. O cadete admirava o oficial mais por fora do que por dentro, por sua voz de comando, pela firmeza de seu olhar, pelo falar bem alto, pela correção do uniforme e da postura, pelo espetáculo de exigência e de rigor com que dava o seu serviço de oficial de dia. Nossos ídolos eram comentados e comparados por suas exterioridades que, então, para nós, pareciam definir o que fosse espírito militar.

O Comandante da Escola Militar, o então Coronel ÁLCIO SOUTO, além de seu imenso prestígio intelectual, era um desses soldados de estampa. Exercia liderança ostensiva, voluntariosa, entusiástica e espetacular. Exigia apresentações aos gritos, à distância do aperto de mão; exemplo, ele mesmo, de garbo e marcialidade. Ai de quem falasse baixinho, olhasse para o chão, desse sinais de timidez, de acanhamento e de inibição.

O Ajudante do Corpo de Cadetes, o sempre lembrado Capitão GERALDO DE MENEZES CORTES, modelo de oficial de Infantaria, era uma das figuras centrais do Realengo daqueles dias, pela flexibilidade, desembaraço e agilidade mental com que conduzia todas as cerimônias militares, sendo de notar-se que as tradicionais solenidades, ano a ano aperfeiçoadas, mantêm até hoje as marcas de sua criatividade.

Nosso Comandante de Companhia era exemplar típico da Escola Militar daquele tempo: alto, esguio, elegante, impecável em seus uniformes e na voz ^{de} comando que soava como um clarim — o saudoso Capitão ADALBERTO GUIM, RÃES.

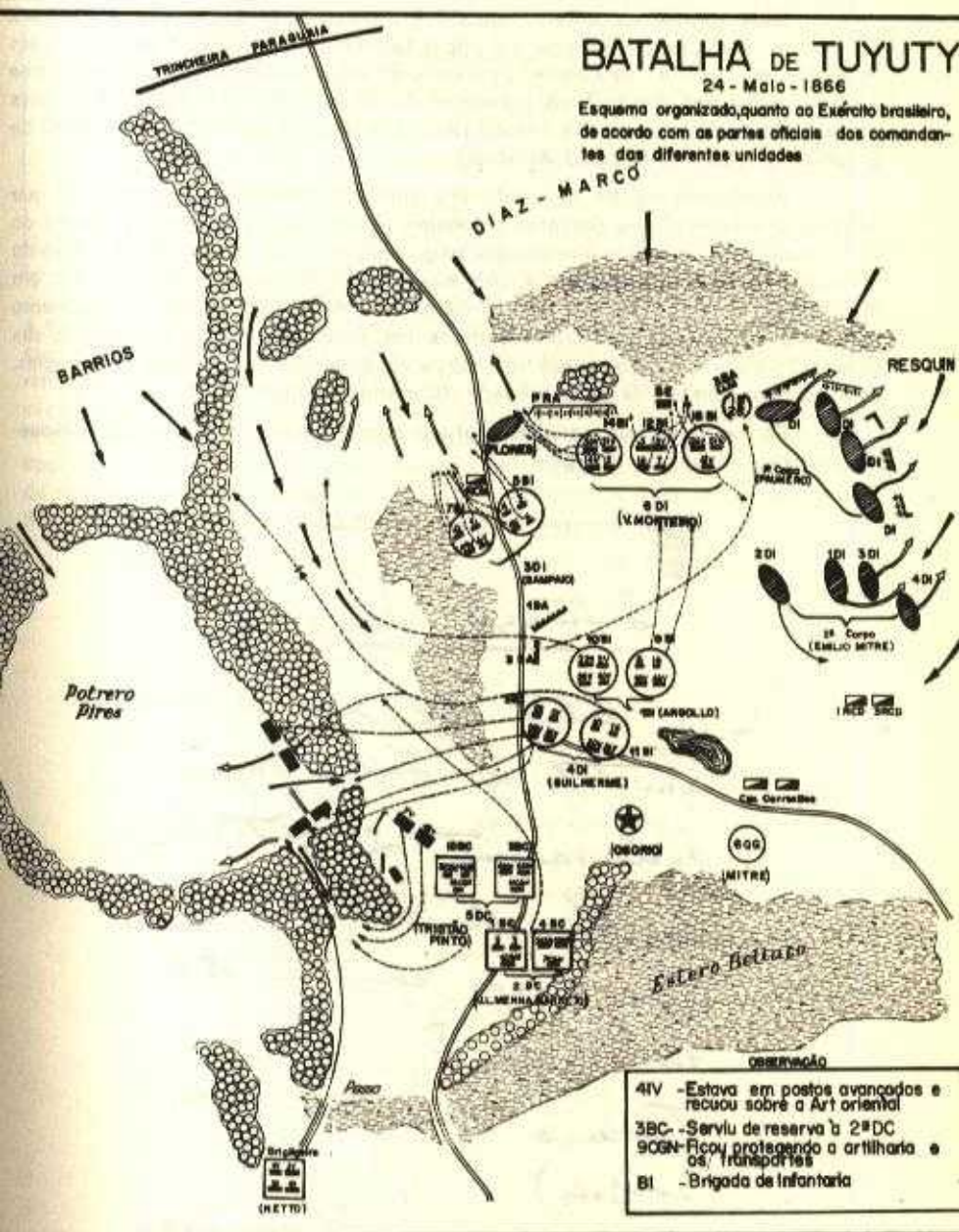
Nesse ambiente em que mais admirávamos o brilho dos metais, o apuro dos uniformes e a própria beleza da apresentação pessoal militar do que os valores da inteligência, do caráter e da cultura, deveríamos receber nosso novo Comandante do Batalhão de Infantaria de Cadetes, precedido de grande renome profissional.

Nosso Major era um cearense mais baixo do que alto, de tronco largo e pernas finas, quase sem pescoço, empertigado mas desengonçado, de cabeça e fala nordestina. Mas havia algo de diferente naquela figura tão propícia às artes da caricatura e da alcunha — de que o cadete sempre soube ser mestre: havia um brilho novo em seu olhar, determinação, vontade, entusiasmo, autoconfiança, idealismo, convicção de seu próprio valor, amor à profissão.

Apesar dos apelidos — variados, inesperados, abundantes — em poucos dias o Major CASTELLO BRANCO, sem qualquer preocupação ou intenção, sem querer aparecer, sem querer impressionar, praticava a lição de que o homem vale pelo que tem dentro de si e que o espírito militar é um conjunto de virtudes muito mais profundas e conseqüentes do que a simples exteriorização de aparências.

Era de ver-se, então, a admiração, o entusiasmo, o encantamento até com que seguíamos o passo apressado e grotesco do "Tamanco", do "Gafanhoto", do "Quasimodo", subindo, ágil, resistente e infatigável os morros de Gericinó.

Víamos agora, com toda a clareza, o tempo que perdêramos. Jamais viramos alguém demonstrar a tática das unidades elementares de Infantaria com tanta simplicidade e objetividade, precisão e racionalidade. Seu raciocínio era lúcido, evidente, inquestionável. Mas não se contentava com as palavras, queria ver as coisas no terreno como deviam ser. Dedicava horas ensinando o cadete a localizar uma arma automática no terreno ou a discutir um roteiro de Comandante de Grupo de Combate. Dava dignidade e grandeza aos pormenores mais íntimos e mais rudimentares do combate de Infantaria. No ardor da discussão dirigida com os seus cadetes, transfigurava-se de todo, iluminado e eloqüente. Nunca me esquecerei do combate travado, no último ano de meu curso, no Morro das Fitas e no Morro do Girante, em que, afinal, a única perda quase foi a de meu colega COELHO NETO, cuja colocação de um Grupo de Combate no terreno irritara profundamente o mestre. COELHO NETO, hoje um dos Generais mais operacionais que tem o nosso Exército, sempre recorda, com saudade e carinho, o quanto aprendeu nesse dia.



Mais aprendi eu, porém, quando, em maio de 1942, fui designado para falar sobre "A figura de Sampaio e o papel da Infantaria na Batalha de Tuiuti", em uma série de palestras, de cadetes para cadetes, sobre a participação de cada Arma e seu patrono nos memoráveis combates de 24 de maio de 1866. É que, para melhor cumprir minha missão, resolvi pedir a orientação de meu Comandante de Batalhão, o Major CASTELLO BRANCO.

Recebendo-me em seu Gabinete, com aquela doce afabilidade com que sempre se mostrava nos contatos coloquiais, e logo acesa no olhar a chama do entusiasmo pelos desafios intelectuais, pegou um bloco de papel, com o timbre do Ministério da Guerra, e traçou-me, com sua letra firme, grande e característica, em nove folhas, a mais completa síntese da batalha de Tuiuti. Guardei o documento para toda a vida, por ficar profundamente impressionado com a precisão de sua orientação e por julgar que essas trezentas e vinte palavras, tão poucas, tão simples, são a própria síntese da personalidade do grande homem.

Só elas poderiam justificar minha presença nesta hora de saudade. Passemos a examiná-las. Eis a página 1:



MINISTERIO DA GUERRA

1

Situação inicial

- A Div. de Inf. era a maior unidade de Inf. (comp. exclusivamente de Batalhões)
- No dia da batalha a Inf. estava constituída por 4 D. I.
- Terreno de batalha (ver croquis)
- Dispositivo inicial (ver croquis).

"Situação inicial"

"— A Div de Inf era a maior unidade de Inf (composta exclusivamente de Batalhões)."

"— No dia da batalha a Inf estava constituída por 4 D.I."

"— Terreno da Batalha (Ver croquis)."

"— Dispositivo inicial (Ver croquis)."

Observem, nesta página, a firmeza da letra, o poder de análise e de síntese, a simplicidade e objetividade, a racionalidade e a nele permanente preocupação com a organização, assim como a sensibilidade sempre presente do instrutor, procurando transmitir o máximo de conhecimentos com o mínimo de palavras, na observação, entre parênteses, de que a divisão de infantaria era composta exclusivamente de batalhões, não tendo, portanto, outras unidades, de apoio ao combate ou de apoio logístico. Lamentavelmente, extraviou-se o "croquis" por ele feito, mas recordo ser, aproximadamente, um dos esboços constantes da obra de TASSO FRAGOSO, "História da Guerra da Tríplice Aliança".

Passemos a analisar, conjuntamente, as páginas 2, 3 e 4:



MINISTÉRIO DA GUERRA

2

A Batalha

- Três divisões de ataque dos prussianos (Ver croquis), direcionadas sucessivamente, a partir da base:
- 1ª) frontal (S. para o N.), por um terreno alagado; cae sobre a Art., que é reforçada pelo 6º D.I.
 - 2ª) ataque principal, pelo eixo de ataque etc.

"A Batalha"

"— Três direções de ataque dos paraguaios (Ver croquis), desencadeadas sucessivamente a partir de Leste;

1º) frontal (S para o N), para o N, por um terreno alagadiço; Cae sobre a Art, que é reforçada pela 6ª D. I.

2º) ataque principal, pelo eixo da única estrada —"



MINISTÉRIO DA GUERRA

da existente; a 3ª D. I.
(Sampaio) faz face; a
zinha detém, sem avan-
ça e recua, e vence (a-
lém de trazer o empes-
judicioso do armamento
dos unidades)

3º) Ataque de Flanco (Bo-
fresco Pires), que é
apertado e derrotado
principalmente pela 4ª D. I.

"da existente; a 3ª D. I. (Sampaio) faz face; sozinha detém, recua, avança e repele, e vence (além da bravura, o emprego judicioso do armamento e das unidades)"

"3º Ataque de flanco (Potrero Pires), que é agüentado e desbaratado pela 4ª D.I."



MINISTÉRIO DA GUERRA

L

— a D. I. restante (a 1ª) cobre, mais tarde, o flanco da 3ª (Sampaio) e reforça a frente N, em que está a Art, já reforçada pela 6ª

"— A D.I. restante (a 1ª) cobre, mais tarde, o flanco da 3ª (Sampaio) e força a frente N, em que está a Art já reforçada pela 6ª."

Aqui está presente o inigualável professor de Tática e de História, antes de ser qualquer coisa. Sua visão é clara, límpido seu raciocínio. Transmite com concisão e precisão. Observem com que maestria articula cada fator da decisão: o inimigo, o terreno, os meios.

Há, porém, na página 2, aspectos extremamente reveladores da personalidade de CASTELLO. Registrem a elegância, a musicalidade, a adequação, a justeza, o brilho literário, afinal, desta frase: "A 3ª DI faz face; sozinha detém, recua, avança e repele, e vence . . ."

Mas logo depois, como que com pejo de se ter mostrado na face íntima de sua essência artística e criadora, renasce o profissional cioso de sua profissão, o desejo permanente de se afirmar como oficiante de uma arte bélica, neste revelador trecho entre parênteses: "(além da bravura, o emprego judicioso do armamento e das unidades)". Isso é como que uma volta à realidade, os pés no chão após o devaneio literário.

Detenhamo-nos, agora, nas páginas 5 e 6:



MINISTÉRIO DA GUERRA ✓

Apreciações

A batalha se deu em -
fuz nitidamente em três
combates

- de N., onde predomi-
nou a ação de
Mallet e onde tam-
bem combateram tro-
pas de Lyf.

- o da grande estrada
entre as Saupas

"Apreciação"

"A batalha se decompôs nitidamente em três combates:

— de N, onde predominou a ação de Mallet e onde também combateram tropas de Infantaria.

— o da grande estrada, entregue a Sampaio."



MINISTERIO DA GUERRA

6

foi no eixo de melhor
penetração para o mu-
nido, e por isso foi o
combate principal

— o de flanco, no Po-
tens, em que a Inf.
completou, ajudada
por elementos de Cav.

— a Inf. esteve, já, em
toda a parte e so-

"foi no eixo de melhor penetração para o inimigo, e por isso foi o combate principal,

— o de flanco, no Potrero, em que a Inf combateu, ajudada por elementos de Cav.

— A Inf esteve, pois, em toda a parte e só —"

Notem, no trecho que acabamos de mostrar que, depois de haver apresentado a *situação inicial* e descrito a *batalha*, passa o mestre à *apreciação*, momento da síntese do instrutor nele sempre presente. Apreciem a clareza didática da exposição — tão nítida, tão definidora do fato histórico —, a força da narração e o entusiasmo, nele tão característico, por sua Arma de formação, a Infantaria.

Acende-se esse entusiasmo ainda mais na passagem da página 6 para a página 7, na síntese conclusiva sobre o papel da Infantaria:



MINISTERIO DA GUERRA

ment e la dutava e
refelir o m. na parte
principal de frente

a Leg. Foi:

- coers
- harura (lib. d
- tir. doar formaram
Fimcheis e os fu-
dos, verdadeiros re-
duto
- disciplina

"mente ela deteve a repelli o ini na parte principal da frente".

"A Inf. foi:

- coesão
- bravura (linha de atiradores formavam trincheiras e os quadros verdadeiros redutos.
- disciplina"

As idéias contidas na página 7 serão completadas com a linha inicial da página 8: "— tropa instruída".

Aqui podemos refletir sobre esses valores que CASTELLO tem, ao longo da vida, na mais alta conta, e que podem ser encontrados, obsessivamente, em tantas conferências suas e explicam tantos gestos seus: coesão, bravura, disciplina. Vejam, além disso, um pormenor: sua preocupação em apontar a presença dos quadros junto à tropa.

CASTELLO dedica as páginas 8 e 9 a demonstrar o papel de SAMPAIO na batalha:



MINISTERIO DA GUERRA

8

- Tropa instruída

Sampaio foi:

- a compreensão correta de manobra de Byron
- a execução sem a menor hesitação
- a iniciativa apoiada por uma grande experiência
- a bravura exemplar

“— tropa instruída”.

Sampaio foi:

- a compreensão correta da manobra de Ozorio.
- a execução sem o menor entrave
- a iniciativa amparada por uma grande experiência
- a bravura exemplar”



MINISTÉRIO DA GUERRA

J

— a decisão nunca
retardada
— o instrutor fez colheita
os frutos de instrução
deu à tropa

N. 5. D. I. — Divisão
Cavalaria — teve a
sua coragem feita
esse material.

“— a decisão nunca retarda

— o instrutor que colhia os frutos da instrução dada à tropa”

A 5ª D.I. — Divisão Couraçada — teve a sua couraça feita desse material”.

Assinale-se, nestas duas últimas páginas, o tema, por ele tão preferido, da disciplina intelectual, expresso sob a forma de compreensão correta da manobra de OSÓRIO, logo associado ao conceito complementar e imprescindível da iniciativa, mas não a iniciativa imatura, inconseqüente e irresponsável, mas a iniciativa amparada por uma grande experiência.

Há também aí, na referência à compreensão da manobra de OSÓRIO, a clara sugestão ao planejamento, obsessão por ele levada, mais tarde, do militar ao estadista, sugestão logo completada pelas idéias de perseverança, determinação e fidelidade ao planejado.

E logo volta o apelo à necessidade que tem o chefe da bravura, aqui acrescentada do objetivo exemplar, igualmente fecundante em si mesmo.

Dois outros conceitos normalmente encontrados na temática profissional de CASTELLO estão presentes na apreciação final: espírito de decisão, a que se junta a oportunidade, e a invariável necessidade da instrução militar, porque os frutos da vitória cabem ao chefe que é também instrutor.

E, na afirmação final, do documento, depois de evidente equívoco no número da Divisão Couraçada, reponta, como fecho de ouro, o toque literário, emoldurando a metáfora.

c. O Oficial de Operações da FEB

CASTELO BRANCO permaneceu no Realengo, mesmo depois de ter sido promovido, em abril de 1943. Chegava ao posto de Tenente-Coronel aos 43 anos. Não era uma carreira brilhante, já que, àquela época, a rapidez das promoções decorria mais de injunções políticas do que somente do valor militar. Para exemplificar, basta lembrar que no mesmo dia em que estava sendo promovido a Tenente-Coronel, seus colegas CAIADO DE CASTRO e SEGADAS VIANNA chegavam ao posto de Coronel, ao qual já tinha sido promovido, quatro meses antes, ALCIDES ETCHEGOYEN. Enquanto isso, um amigo da turma imediatamente anterior, OSWALDO CORDEIRO DE FARIAS, já era General desde janeiro de 1942, posto a que chegara com apenas quarenta anos.

Em princípios de 1944, foi mandado realizar um estágio na Escola de Comando e Estado-Maior do Exército dos EUA. É provável que sua indicação para esse estágio tenha sido feita já no quadro de suas futuras obrigações, pois, ao

regressar, passou à disposição do General MASCARENHAS DE MORAES que, desde 7 de outubro de 1943, tinha sido designado para organizar e instruir a 1ª Divisão de Infantaria Expedicionária, "permanecendo, entretanto, suas unidades componentes no âmbito de seus comandos normais".

Chegando ao acantonamento do Morro do Capistrano, no Rio de Janeiro, com o 11º RI, ouvi falar, pela primeira vez, na presença de CASTELLO BRANCO no Estado-Maior da 1ª DIE, que dava enorme confiança aos Segundos-Tenentes, seus cadetes no Realengo.

Fui vê-lo somente no dia 30 de novembro de 1944, dia posterior ao terceiro ataque fracassado ao Monte Castelo. Como Oficial de Informações do 1º/11º RI, acompanhei meu Comandante de Batalhão nos reconhecimentos para substituir o 1º/1º RI, na noite de 1 para 2 de dezembro, e ficar em condições de participar de novo ataque ao morro sinistro. Começamos pelo comando da 1ª DIE, em Porreta Terme, de onde fomos para o posto de comando avançado, localizado junto ao agrupamento de ataque. Vejo-o ainda em seu uniforme expedicionário de flanela, de fisionomia grave, cansada e indormida, mas sereno e seguro de si mesmo, confiante na nova ação que iríamos empreender tão logo se reunissem todos os meios. Saudou-me com afeto e carinho, mas logo se interessou em saber o estado de instrução de nossa tropa, assim como as condições de recebimento de nosso equipamento.

Vendo-o, assim ativo, e assim confiante, eu não poderia imaginar que não só a divisão como um todo, mas, pessoalmente, ele estivesse vivendo dias extremamente inquietantes.

Só mais tarde eu haveria de saber das profundas divergências existentes no comando da Força Expedicionária Brasileira, motivadas, principalmente, pela incapacidade de coordenação do Chefe do Estado-Maior, Cel FLORIANO DE LIMA BRAYNER, e pelas rivalidades e incompreensões existentes entre as 2ª e 3ª Seções, chefiadas, respectivamente, pelos Tenentes-Coronéis AMAURY KRUEL e CASTELLO BRANCO, companheiros de turma e amigos de outros tempos.

Em seu livro de "Memórias" (pág. 164), haveria de dizer o Marechal MASCARENHAS DE MORAES: "Nesse conflito de paixões que a guerra provoca e alimenta, a Seção de Operações do Estado-Maior Divisionário, chefiada pelo Tenente-Coronel HUMBERTO DE ALENCAR CASTELLO BRANCO portou-se à altura de suas responsabilidades, sem destas nunca se eximir, proporcionando ao Comandante da FEB os dados de decisão, pelo qual se fez responsável esse chefe, tanto nas ações frustradas da defensiva-agressiva, como nas que coroaram de brilhantes vitórias nas ofensivas de fevereiro a abril de 1945".

O próprio CASTELLO BRANCO, em carta íntima à sua esposa, inserida por LUIZ VIANA FILHO, em seu livro "O Governo CASTELLO BRANCO", diria, em 17 de maio de 1945: "Resolvi confiar-lhe, antes de minha chegada ao Rio, uma provação que sofri aqui. E o faço somente para previni-la e evitar alguma situação desagradável para você. O meu trabalho como chefe da 3ª Seção teve algum relevo em vista

de várias circunstâncias. O BRAYNER se debatia em eternas indecisões. Dai, o general, Comandante de Tropas, os outros generais e os americanos me procurarem para tudo. Eu evitava qualquer diminuição para ele. Mas, todo o mundo se dirigia para a 3ª Seção. Eu lhe asseguro que nunca tomei a iniciativa de pô-lo de lado. Os americanos, durante as operações, me davam um apreço desmedido, inclusive os seus generais. Eu dedicava o meu esforço à Divisão e, sobretudo, aceitava a inteira responsabilidade de minhas atribuições. Estava onde devia estar e a todos, quando me competia, dava a minha opinião. Nos momentos mais difíceis, todos me encontravam no meu posto, com uma idéia, uma providência, sempre com uma atitude definida. O BRAYNER, porém, inativo, indeciso, nunca dando solução a nada, em vez de exercer o seu cargo, não agia. Ficou em segundo plano. Resolveu, então, fazer guerra à minha pessoa. Guerra surda, impiedosa, visando até aniquilar-me. Todos os fracassos atribuiu a mim, todos os sucessos a outrem. E teve como auxiliar nesta ingrata campanha, como único (único!) auxiliar, o meu velho amigo AMAURY. Que dura e penosa realidade . . . Coligaram-se contra mim. Fiz tudo para fazê-lo sair da sua atitude inamistosa, ao lado de BRAYNER. Foi em vão . . . Perdeu a cabeça e o coração . . . Eis aí um dos maiores desapontamentos de minha vida. Como se fora um irmão”.

Vinte e quatro anos depois, mortos já MASCARENHAS e CASTELLO, BRAYNER haveria de escrever “A verdade sobre a FEB”, livro extremamente polêmico, marcado pelo azinhavre de retardatário antiamericanismo e pelos propósitos de denegrir CASTELLO e exaltar ZENÓBIO. Eis algumas afirmações suas, referentes ao ataque fracassado do dia 29 de novembro de 1944: “Falhou o Estado-Maior da Divisão, pela sua Seção de Planejamento (3ª Seção), concordando com a escolha do dia 29 de novembro para o novo ataque”. (Pág. 254) “A Seção de Operações, avançando o sinal, como se diz na linguagem vulgar, transmitiu uma série de ordens verbais que eram levadas, possivelmente, ao conhecimento do General Comandante da Divisão, sem serem filtradas pela Chefia do Estado-Maior da Divisão”. (Pág. 256) “Tudo se arquitetou com a exclusiva cobertura da Seção de Operações, foi malfeito e o resultado desastroso”. (Pág. 257) “A própria doutrina francesa, tão do agrado dos enfatuados mestres da ECEME foi esquecida ou omitida”. (Pág. 259)

Sobre o novo ataque a Monte Castelo, a 12 de dezembro, também fracassado, e do qual participaria o meu próprio batalhão, diria BRAYNER: “O Chefe da 3ª Seção (Operações) que, de acordo com o seu temperamento sempre se eximia nas suas atribuições, o que às vezes preocupava o próprio General MASCARENHAS, só muito tarde percebeu que era a complexidade da redação da Ordem General de Operações nº 11 que estava impedindo ZENÓBIO de intervir”. (Pág. 282)

Com o ataque do dia 12 de dezembro, haveria de chegar o inverno que, paralisando operações ofensivas, nos daria tempo para pensar nos feridos, recuperando, com a vinda da primavera, o fio da vitória. “Resolvi também fazer uma radical alteração no meu estilo de comando: assumi, direta e pessoalmente, a direção de todas as operações de combate, não mais admitindo delegação a comando intermediário. Passei a manter a meu lado o chefe da Seção de Operações, com

"O Estado-Maior da divisão não ficou imune à depressão causada pelos reveses sofridos em Monte Castelo, inicialmente por tropa americana e, a seguir, pelos brasileiros. Constituído de oficiais brilhantes e mesmo valorosos, não funcionou com a necessária precisão. Faltando-lhe coordenação, alguns de seus componentes, para se esquivarem à responsabilidade em momentos graves, faziam-se intencionalmente omissos em suas funções precípuas. Era uma defecção surda, que abalava sobremodo a unidade e a ordem necessárias em órgão dessa importância".

"Mantendo sob minha vigilância a conduta reprovável dos dissidentes, discretamente segreguei-os de minha confiança, confinando-os em seu despeito. Não querendo esmaecer o brilho de suas carreiras, anteriormente beneficiadas na quietude da paz, não os escandalizei com atos oficiais de reprovação à sua conduta".

"Com a finalidade de anular os males causados por suas omissões, transpus e invadi atribuições, inaugurando um novo tipo de funcionamento de estado-maior de divisão, mais expedito, que prestou eficaz assistência à minha ação de comando".

"Por meio dessa revolução redentora e necessária, restabeleci a ordem e a disciplina de trabalho do combalido órgão, a cujo funcionamento já se dedicavam, contudo, outros oficiais, capazes e leais, destacando-se, entre eles, o valoroso Tenente-Coronel HUMBERTO DE ALENCAR CASTELLO BRANCO, Chefe da Seção de Operações, que nas suas atribuições, e por vezes além delas, foi um dos mais brilhantes fatores da vitória".

"São freqüentes na guerra as deformações, pouco divulgadas, dos comandos e dos estados-maiores, pelo que o resente comentário é uma advertência saudável aos futuros chefes em novas campanhas".

"Não me punge qualquer idéia de maldade que possa eu ter ao reprimir males tão funestos. Ao contrário, regozijo-me das medidas suaves que empreguei para alcançar a vitória, à qual se incorporaram os dissidentes do estado-maior divisionário". (Ao que tudo indica MASCARENHAS temia não ter apoio do Ministro da Guerra para pedir-lhe o afastamento dos oficiais que ele considerava dissidentes.)

Quando, em princípios de 1969, o "dissidente" FLORIANO DE LIMA BRAYNER publicou, para gáudio das esquerdas, sua "Verdade sobre a FEB", escrevi dois artigos no "Jornal do Brasil": "CASTELLO em Castelo" e "Castelnuovo de CASTELLO", respectivamente em 26 de fevereiro e 5 de março.

No primeiro deles, eu dizia: "Pessoalmente nada devo a CASTELLO BRANCO, ao militar, muito menos ao estadista. Ao contrário, três vezes fui prejudicado por decisões suas e jamais formei em sua marcha de poder. Muito cedo, conheci-lhe o quinhão de imperfeição humana: a vaidade, a teimosia, os recalques, o sarcasmo, a falta de comunicabilidade, a algidez até".

"Creio que não me perdoou a crítica que lhe fiz em artigo do que julguei ser o vício do espírito de grei nos quadros do Exército. O estadista não me é de competência e por isso mesmo não preciso discutir. Seu aluno no Realengo, Tenen-

a ECEME a oficiais não aperfeiçoados, os capitães da FEB haveriam de atropelar-se no vestibulo desta escola, nos últimos anos quarenta.

Retornando a Itália, ainda 1º-Tenente, fui ter a Resende e Lorena, de onde acompanhei, a distância, a brilhante trajetória de meu querido comandante do batalhão de cadetes. No 5º RI, encontrei, no comando, outro instrutor igualmente excepcional, aliás colega de CASTELLO BRANCO no Realengo, o inesquecível Coronel ALCEBIADES TAMOYO DA SILVA, a quem muito me ligaram as intensas atividades do adestramento da unidade. Em princípios de 1948, TAMOYO chamou-me para dizer-me que acabara de falar ao telefone com o Coronel CASTELLO BRANCO, que lhe fora pedir a minha liberação, a fim de que eu fosse servir a seu lado, na subdireção de ensino da ECEME. Depois de fazer considerações sobre a conveniência de minha ida para a Praia Vermelha, TAMOYO comunicava-me haver antecipado minha óbvia aceitação. Várias semanas se passaram sem qualquer notícia, até a leitura do ato de transferência de outro oficial para o lugar que me fora oferecido. Por intermédio de companheiro servindo no Rio, vim a saber que a direção da escola mudara a indicação porque o Chefe do Estado-Maior do Exército tinha um candidato. Nesse dia, decidi inscrever-me no concurso de admissão para esta escola, o último em que seriam admitidos oficiais não aperfeiçoados e primeiros-tenentes. Em fevereiro de 1949, apresentei-me à ECEME e encontrei, saindo dela, o Coronel CASTELLO BRANCO. Nunca compreendi por que não me disse uma só palavra sobre a frustrada transferência.

e. O Oficial de Estado-Maior

Deixando a ECEME, CASTELLO BRANCO foi completar, no Estado-Maior do Exército, sua grande contribuição na obra de compatibilização das doutrinas francesa e norte-americanas, primeiro na chefia da 3ª Seção e, depois, na da Seção de Operações da Subchefia de Planejamento.

Aluno, aqui, na Praia Vermelha, nos anos 49, 50 e 51, acompanhei, a distância, a brilhante trajetória do mestre incomparável, atuando no órgão onde suas ideias podiam frutificar. Creio que esses seis anos — os três da ECEME e os três do Estado-Maior do Exército — sejam o período mais fecundo da carreira militar de CASTELLO BRANCO.

Era tão grande o seu prestígio profissional que, em 1951, foi Assessor Militar da Delegação Brasileira à IV Reunião de Consulta de Ministros de Relações Exteriores, realizada em Washington.

Nesse período, tem intensa atividade de conferencista nos meios civis de todo o país, no EME e em todas as escolas do Exército, principalmente na AMAN, na EsAO e na ECEME. Seus temas são eminentemente profissionais. Absorvem-no principalmente as cogitações de ordem histórica e doutrinária. Os assuntos históricos preferidos são: a Manobra de Santa Luzia, a Campanha de 1851-1852, a Guerra da Tríplice Aliança, a participação do Brasil na 2ª Grande Guerra, o problema humano da FEB, a Guerra Holandesa, as figuras de CAXIAS, de OSÓRIO e de

SAMPAIO. Dentre os assuntos doutrinários, versa preferentemente a chefia militar e seus problemas, o papel do oficial de estado-maior, o trabalho do comando, doutrina militar e guerra moderna.

Vejo-o, porém, do meu observatório de Capitão. Estou convencido de que o posto de Capitão é, na vida militar, a fase da contestação. É o fim das ilusões e o começo das frustrações. A família aumenta, o dinheiro encurta. Passados os primeiros tempos do casamento e a aventura das guarnições do interior, a esposa cai na dura realidade da vida militar. Os filhos pequenos exigem cuidados e surgem, não raro, os primeiros problemas conjugais. Além disso, há incerteza da própria carreira, os horizontes fechados, a falta de perspectiva, que se faz ainda mais gritante, porque, nessa mesma idade, os colegas de colégio, que se dirigiram para a vida civil, agora prosperam, são engenheiros, são médicos, advogados, economistas, industriais, quase sempre com padrão de vida superior; opinam, são ouvidos e dirigem. Assim compreendo como podem os Capitães ser, algumas vezes, impacientes e irritadiços, inquietos e maldizentos, azedos e irônicos. É preciso ser forte de caráter, ter boa formação, e a exata compreensão das grandezas e servidões da carreira, para vencer essa fase decisiva de nossas vidas.

Cumpr-me confessar que, nesse tempo, minha visão do Exército não era alvissareira. Via o Exército dividido em greis — poderosas, fechadas e exclusivistas —, que, algumas vezes, se digladiavam, e a que a longa permanência, então consentida, no generalato, mais tornava perniciosas à instituição. Lembro-me dos grupos de REGO BARROS, de GOIS MONTEIRO, de CANROBERT, de ÁLCIO SOUTO e, afinal, o maior de todos, o de ZENÓBIO DA COSTA. Nesse tempo, excluindo-se as escolas, só servia na área do I Exército quem fosse especialista em "balalaika" (como chamávamos as demonstrações de educação física ou ordem unida), desportista famoso e, assim sendo, tivesse o beneplácito do caudilho da Infantaria. Além disso, a administração do Exército era, então, um torneio de favores, em que os protegidos levavam as fatias do bolo orçamentário, conseguindo realizar grandes empreendimentos, em flagrante contraste com as carências dos militares independentes. Conseqüências imediatas desse estado de coisas eram a subserviência e a bajulação largamente generalizadas.

Cumpr-me confessar que, nesse tempo, se admirava a altitude cultural e intelectual do grande Oficial de Operações da FEB, via-o agora — perdoem-me se me engano — compreensivo e tolerante com essas práticas, convivendo com as camarilhas, sensível à bajulação e já permitindo que, a seu redor, se criasse o grupo de seus áulicos.

4. O OFICIAL-GENERAL

a. General-de-Brigada

1) A promoção

Em 2 de agosto de 1952, é promovido ao posto de General-de-Brigada recuperando, em suas duas últimas promoções, um pouco do retardo em relação

seus companheiros. Até então, só ETCHEGOYEN, no mesmo dia promovido a General-de-Divisão, CAIADO, COSTA E SILVA e JAIR já eram Generais. Depois viriam outros que já lhe haviam sido hierarquicamente superiores: NILO GUERREIRO, GALHARDO, ÂNCORA, PIMENTEL, URURAHY, ARMANDO CATTANI, MAURELL, CEZIMBRA, ARRUDA, KRUEL, ROLLIM e MOURÃO.

2) O primeiro cargo

Iniciou o generalato no comando da 10ª Região Militar, servindo, pela primeira vez, em sua terra natal. Lá permenece, de fins de 1952 a princípios de 1954, em intensa atividade profissional, profundamente empenhado em atividades operacionais e logísticas.

Ainda assim, está permanentemente atento ao que se passa em relação ao Exército como um todo.

Por força de suas naturais vinculações com o Marechal MASCARENHAS DE MORAES, que comumente pede sua opinião, quando não sua ajuda, envolve-se nas questões referentes à apropriação política da Associação dos Ex-Combatentes e do Clube Militar.

MASCARENHAS que, num raro exemplo de consagração a seus homens, dedica o resto de sua existência a assistir os ex-pracinhas, sofre com a utilização da sociedade dos expedicionários a reboque dos marxistas, processo que, mais tarde, se tornou tão irreparável, que se veio a criar uma outra entidade — a Associação dos Veteranos da FEB, que deu a primeira por perdida.

Enquanto isso, no Clube Militar, uma minoria de oficiais esquerdistas, distorcendo bandeiras nacionalistas e o tema de não participação militar do Brasil no conflito coreano, empalma a tradicional instituição, tentando utilizá-la com finalidade político-ideológicas.

Desde Coronel, CASTELLO, aliado a outros democratas, enfrentava destemidamente, o grupo ativista que comandava a chapa amarela das eleições do Clube Militar, sendo mesmo um dos inspiradores dos votos azuis da "Cruzada Democrática", que veio a ser um dos alicerces da Revolução de Março.

3) No EMFA

Em 1954, foi servir no Estado-Maior das Forças Armadas, como subchefe do Exército, sob as ordens do Marechal MASCARENHAS DE MORAES.

Ao seu lado, viveu os graves episódios que antecederam o suicídio de YARGAS, narrados, do ângulo do Chefe do EMFA, com pormenores, nas memórias do Comandante da FEB.

Não me furto à sedução de recontar que, em momento gravíssimo da crise precipitada pelo assassinato do Major RUBENS VAZ, o Chefe do EMFA foi procurado pelo Comandante ERNANI DO AMARAL PEIXOTO, que desejava saber a opinião do Marechal MASCARENHAS sobre as alternativas que, segundo a filha ALZIRA, o

Presidente VARGAS admitia como saída para a crise político-militar. O velho caudilho admitiria permanecer à frente do Governo recompondo o Ministério ou renunciar, entregando o poder executivo ao Ministro da Guerra, General ZENÓBIO DA COSTA. Relembra MASCARENHAS que havendo delegado ao General CASTELLO, a tarefa de dar a resposta, tão certo estava de que, no EMFA, todos pensavam da mesma maneira, ouviu de seu subchefe estas palavras: "Não interessava aos chefes das Forças Armadas a recomposição do Ministério. Porém se o Sr. Presidente Vargas deseja renunciar, o Governo deve ser entregue a seu sucessor legal, o Sr. Vice-Presidente da República". Ali estava presente, uma vez mais, o mesmo legalista das campanhas do 12º RI, nos idos de 25 e 26. Era o mesmo profissional convicto, que resistiu, na mocidade, aos acenos do tenentismo e que, paradoxalmente, por isso marcou passo na carreira que seus colegas revolucionários fizeram mais acelerada.

4) Outra vez na ECEME

Em 1955, é nomeado Comandante da Escola de Estado-Maior, servindo nela pela quinta vez. Encontrava-me, como Instrutor da mesma casa, já de partida para Assunção, por isso que nomeado membro da Missão Militar Brasileira de Instrução no Paraguai.

Eu aqui estava, desde 1949, quando ele saíra. Assistira à evolução escolar, como aluno e como Instrutor de Infantaria, de Tática Geral e, então, como integrante do grupo de assessores da Direção de Ensino. Para mim, 1954 fora um ano excepcional da vida da escola, sob a direção interina do Coronel ORLANDO GEISEL.

Tive a impressão de que, em seu novo retorno, CASTELLO chegava reagindo contra um avanço mais pronunciado no sentido da adoção das organizações e dos métodos norte-americanos. Para mim, vinha mais francês do que nunca, para mim sua volta significava um retrocesso. Por exemplo, quando saíra da Praia Vermelha, em 1949, os alunos de cada série estudavam apenas seis grandes temas táticos durante todo o ano, absolutamente clássicos: marchas, marcha para o combate, ataque, defensiva, movimentos retrógrados e operações diversas. No limiar de 1955, encontrava a programação de ensino estruturada em torno de vinte a trinta pequenos exercícios, que cobriam toda uma gama de situações clássicas e particulares.

Como membro de grupo de assessores, sofria ao vê-lo mudar, às vezes em condições de grande premência de tempo — como era próprio de seu estilo —, não apenas os exercícios táticos, mas a própria programação. Essa inusitada mutação afligia os instrutores e parecia-me tumultuar a programação escolar, porque tudo, na ECEME, a partir de sua chegada, até mesmo uma simples decisão no âmbito de uma situação particular de tema tático, dependia da decisão do comandante.

Estava sempre presente no grupo de assessores, a quem cumpria, naquela ocasião, examinar, do ponto de vista doutrinário, todos os trabalhos escolares. Inteirava-se de tudo, discutia, interferia, mudava situações, finalidades, decisões e ensinamentos.

Certo dia, no máximo de sua interferência, tomei coragem e interpelei-o, até além do que me poderia ter sido permitido:

“— General CASTELLO, será que a escola estava tão ruim que precisasse de mudar tanto assim?”

Olhou-me com uma ponta de rancor. Preparei-me para ser fulminado por seu sarcasmo e sua ironia. Deu-se conta das intenções profundas e maldosas de minha indagação, viu logo a quem poderia atingir uma resposta igualmente incontida. Controlou-se e perdoou-me. Deu-me, então, uma das maiores lições de minha vida:

“— OCTÁVIO: o maior inimigo da vida militar é a rotina, até mesmo a rotina da perfeição. Em nossa carreira, precisamos estar sempre em movimento, para que nunca enferrujemos. Mudar sempre, sempre que possível para melhor, mas mudar. Não deixe nunca que as coisas fiquem paradas, porque a nossa profissão é essencialmente dinâmica”.

Mas não eram só as mudanças que tanto nos incomodavam então, senão também alguns áulicos que ele trouxera de volta à casa. De um deles se dizia que era como o cachorrinho da RCA — ouvia a voz do dono —, e outro mereceu a repulsa de instrutores, mais veteranos e mais graduados, que foram a seu Gabinete, pedir-lhe que não o deixasse na escola, de onde havia saído com má fama.

Retrato fiel de minhas impressões desse tempo é o artigo que fiz publicar, no número 137, maio-junho de 1955, na “Revista do Clube Militar”: “Espírito de grei e descontinuidade de esforços”. Depois de considerações contundentes sobre esses dois grandes flagelos, tinha eu a ingenuidade desses três períodos grandiloqüentes:

“Bem-aventurados os que não tiveram uma grei a seu redor; os que chegaram ao alto sem partido e sem camarilha; os livres, os sem compromisso; os que sejam capazes de fazer de cada novo auxiliar o membro novo de uma nova equipe”.

“Bem-aventurados os que puderem servir à nação sem servir aos amigos, distribuindo justiça, premiando apenas a eficiência, o mérito, a honorabilidade”.

“Bem-aventurados os que forem capazes de renovar e melhorar conservando e de prosseguir o que outros começaram”.

E, no entanto, a distância, no exercício de minhas funções na escola de formação de oficiais das Forças Armadas do Paraguai, pude testemunhar haver feito um excepcional comando na ECEME. Passado o ímpeto reformador, soube discernir que é mutável do que não pode ser mudado. Sua última passagem por esta casa, durante a qual ela comemorou o seu cinquentenário e ganhou o seu nome definitivo, foi renovadora e intensamente fecunda.

5) Na Escola Superior de Guerra

Viveu os anos de 1956, 1957 e 1958, na Escola Superior de Guerra, sucessivamente como estagiário, Assistente do Comando, Diretor do Curso de

Estado-Maior e Comando das Forças Armadas (CEMFA) e Diretor do Departamento de Estudos.

Era outro período extremamente fecundo de sua carreira, do ponto de vista da produção intelectual. O notável conferencista levava suas idéias a toda parte, agora talvez mais às comunidades civis de todo o território nacional. Seus temas preferidos eram, então, estratégia, doutrina militar brasileira, segurança nacional e guerra revolucionária comunista. A distância, em Assunção ou já em Manaus, pude dimensionar sua notável contribuição para alertar a consciência militar contra o perigo da guerra revolucionária comunista, em expansão no mundo inteiro. Pude sentir que CASTELLO foi um dos dinamos propulsores das idéias centrais da defesa da democracia contra a subversão.

A agravação da situação política nacional, com o crescimento ostensivo das esquerdas, quando chegou ao ponto de envolver a figura do Ministro da Guerra no triste episódio da espada de ouro, iniciou, no espírito de CASTELLO BRANCO, o lento e sofrido processo de rompimento das barreiras legalistas, que estiveram, durante toda a vida, solidamente alicerçadas no seu caráter de soldado. A primeira fenda veio em sua resposta ao convite para dar adesão à demonstração popular ao Ministro da Guerra, General HENRIQUE LOTT. Sua carta, datada de 8 de novembro de 1956, e transcrita no livro de LUIZ VIANA FILHO — "O Governo Castello Branco" é uma atitude claramente definida a favor da verdadeira democracia contra o marxismo da "democracia popular".

Começava a surgir, na pessoa de CASTELLO, o centro de convergência e aglutinação da resistência democrática contra o sutil processo de bolchevização nacional. As esperanças do espírito profissional do Exército e de nossa fidelidade democrática voltavam-se para aquele que haveria de ser, a um só tempo, o DEODORO e o FLORIANO da nova República.

Em 1958, para mostrar que empunhara a bandeira de luta, aceitou candidatar-se a Presidente do Clube Militar, sendo derrotado pelo General JUSTINO ALVES BASTOS, apoiado pela chapa amarela.

Mais do que o resultado das eleições, a forma com que se desenvolveram as pressões eleitorais deu-nos a medida da grave cisão que lavrava no Exército. "Nunca pensei que a pressão se aprofundasse tanto. A corrupção entrou no arraial militar, marcialmente, nada às escondidas"

b. General-de-Divisão

1) Na Amazônia

Promovido a General-de-Divisão em 25 de agosto de 1958, permaneceu no ESG até o final do ano letivo, como Chefe do Departamento de Estudos.

Em fins de 1958, é nomeado Comandante Militar da Amazônia, comando que, naquela época era exercido em Belém, cumulativamente com o da 8ª Região Militar.

De minha parte, terminada minha missão no Paraguai em junho de 1957, tinha sido classificado no Grupamento de Elementos de Fronteira, que, de Manaus, comandava todas as guarnições fronteiriças da Amazônia, exceto as do Pará. Quando da investidura de CASTELLO no CMA, estava eu, há quase um ano no comando interino do Grupamento, mesmo sendo Major, mas já nomeado, pela segunda vez, instrutor desta escola.

Assumindo, em um dia, em Belém, no outro CASTELLO já estava em Manaus, estabelecendo contato com minha unidade. Era de ver-se o seu extraordinário entusiasmo por sua nova missão, mesmo sentindo que para ali fora mandado numa espécie de desterro político.

Talvez tenha sido esse o comando de General em que, efetivamente, mais se realizou CASTELLO BRANCO. Havendo tido notável desempenho militar marcado pela realização de grandes exercícios combinados, em que experimentou os conceitos doutrinários da ESG, e penetrado, a fundo, todos os problemas socio-econômicos, sua passagem pelo CMA foi providencial para a Amazônia, porque ali recolheu as sementes de tudo o que veio a fazer em favor da região.

Provavelmente como decorrência da rebelião de Aragarças, em dezembro de 1959, quando um documento encontrado em poder de um dos amotinados dizia que "o CASTELO está a par da situação política e reagirá contra um golpe do LOTT" o Comandante Militar da Amazônia foi exonerado mais cedo do que esperava.

2) De volta ao Rio

Serve, em 1960, no Quartel-General, no Rio de Janeiro, como Diretor do Ensino de Formação, à qual, naquela época, não estava subordinada a ECEME.

Em 1961, por força de sua precedência hierárquica, ascende, na mesma área de atividade, à Diretoria Geral de Ensino, então o órgão máximo do ensino militar.

Nesse posto, viveu o drama da renúncia do Presidente JÂNIO QUADROS, entre 25 de agosto e setembro de 1961 e de que resultou nossa fugaz experiência republicana parlamentarista.

Estando eu no Gabinete do Ministro ODÍLIO DENYS, pude testemunhar-lhe a difícil conciliação entre o seu espírito legalista e a força de sua solidariedade militar. Todos conheciam seus pontos de vista sobre o Vice-Presidente JOÃO GOU-LART, todos sabiam onde estaria se chegasse a haver luta, mas também todos reconheciam seus escrúpulos diante da alternativa de fugir à solução institucional da grave crise político-militar. Observei-o, de perto, nas longas noites de vigília no Quartel-General, com a nação à beira da guerra civil, e pude admirá-lo em sua seriedade, sua discrição, sua coerência, seu silêncio, seu sofrimento, seu atento acompanhamento dos fatos. Queimava-se por dentro, na difícil conciliação entre o amor à democracia e o amor à profissão.

c. General-de-Exército

1) No Nordeste

Promovido a General-de-Exército, em 25 de julho de 1962, foi mandado comandar o IV Exército.

Iria viver o descalabro do Governo GOULART na área social mais difícil do Brasil e onde haveria de ser mais agressiva a tentativa de bolchevização.

Mesmo sofrendo o rude golpe da perda da extraordinária companheira, que sempre foi Dona ARGENTINA, inspiração e presença solidária em todos os seus atos, agigantou-se, ainda mais no Nordeste.

Em vão tentaram, por todos os meios, humilhá-lo e desgastar sua autoridade. Teve serenidade e bravura exemplares diante de todas as provocações. Soubesse ser altivo e destemido, sendo sempre disciplinado.

Coube-lhe preparar todos os planos militares, graças aos quais, na hora precisa, pôde o IV Exército opor-se vitoriosamente à subversão.

2) No Rio

Possivelmente porque sua presença em um grande comando operacional constituísse um obstáculo aos desígnios da subversão, CASTELLO BRANCO foi nomeado Chefe do Estado-Maior do Exército, empossando-se em 13 de setembro de 1963.

À frente de nosso principal órgão de direção geral, aquele mais voltado para a atividade-fim da instituição, viria a ser a peça decisiva para a articulação do movimento de março de 1964.

Foi insuperável nos seis meses de sua presença no EME, não só na tarefa de preparar os quadros para opor-se à investida da guerra revolucionária em piego curso, como também nas tarefas normais para cujo desempenho era, então, o mais preparado de todos os chefes.

Escapa ao propósito desta pequena memória a análise dos acontecimentos que precederam e sucederam o 31 de março de 1964, pois só isso constituiria um imenso trabalho de pesquisa, e, além disso, porque, do meu ângulo — outra vez como instrutor desta escola — não testemunhei, de perto, a extraordinária atuação da coordenadora e a liderança pessoal do General CASTELLO BRANCO.

5. O ESTADISTA

Deste cantinho da Praia Vermelha, vi CASTELLO BRANCO receber a ligação presidencial, no instante mais dramático de nossa história republicana. Vi-o subir ao Planalto sem áulicos e sem greis, levando consigo os melhores. Vi-o servir à nação na hora da salvação nacional. Vi-o distribuir a justiça, premiando, apenas, a eficiência.

c. General-de-Exército

1) No Nordeste

Promovido a General-de-Exército, em 25 de julho de 1962, foi mandado comandar o IV Exército.

Iria viver o descalabro do Governo GOULART na área social mais difícil do Brasil e onde haveria de ser mais agressiva a tentativa de bolchevização.

Mesmo sofrendo o rude golpe da perda da extraordinária companheira, que sempre foi Dona ARGENTINA, inspiração e presença solidária em todos os seus atos, agigantou-se, ainda mais no Nordeste.

Em vão tentaram, por todos os meios, humilhá-lo e desgastar sua autoridade. Teve serenidade e bravura exemplares diante de todas as provocações. Soube ser altivo e destemido, sendo sempre disciplinado.

Coube-lhe preparar todos os planos militares, graças aos quais, na hora precisa, pôde o IV Exército opor-se vitoriosamente à subversão.

2) No Rio

Possivelmente porque sua presença em um grande comando operacional constituísse um obstáculo aos desígnios da subversão, CASTELLO BRANCO foi nomeado Chefe do Estado-Maior do Exército, empossando-se em 13 de setembro de 1963.

À frente de nosso principal órgão de direção geral, aquele mais voltado para a atividade-fim da instituição, viria a ser a peça decisiva para a articulação do movimento de março de 1964.

Foi insuperável nos seis meses de sua presença no EME, não só na tarefa de preparar os quadros para opor-se à investida da guerra revolucionária em pleno curso, como também nas tarefas normais para cujo desempenho era, então, o mais preparado de todos os chefes.

Escapa ao propósito desta pequena memória a análise dos acontecimentos que precederam e sucederam o 31 de março de 1964, pois só isso constituiria todo um imenso trabalho de pesquisa, e, além disso, porque, do meu ângulo — outra vez como instrutor desta escola — não testemunhei, de perto, a extraordinária ação coordenadora e a liderança pessoal do General CASTELLO BRANCO.

5. O ESTADISTA

Deste cantinho da Praia Vermelha, vi CASTELLO BRANCO receber a faixa presidencial, no instante mais dramático de nossa história republicana. Vi-o subir ao Planalto sem áulicos e sem greis, levando consigo os melhores. Vi-o servir à nação na hora da salvação nacional. Vi-o distribuir a justiça, premiando, apenas, a eficiência.

o mérito, a honorabilidade. Vi-o ser capaz de renovar e de melhorar conservando.

Bem me lembro de que, mesmo no Planalto, seu pensamento estava nesta cola. Interessava-se em saber se já tinham sido dispensados das tarefas revolucionárias os alunos e instrutores, a fim de que se acelerasse o reinício das aulas, pois não poderíamos cometer o erro de outras revoluções, que fecharam as escolas, fazendo enormes prejuízos ao Exército.

Lembro-me de que algumas medidas iniciais do grande Presidente foram providências saneadoras do Exército. Apressava-se em estabelecer prazos máximos de permanência no generalato e no último posto, para que não fossem repetidos os erros do passado, pois, por exemplo, CORDEIRO DE FARIAS já era General da ativa há 23 anos. Além disso, fixava também, como sendo de dois anos, o tempo de serviço em função não militar, a fim de evitar que os militares pudessem realizar carreira política paralela, como ocorreu com vários tenentes dos anos vinte, que foram até o posto de General entremeando mandatos de Governador, de Ministro e de Deputado, com evidente prejuízo para os verdadeiros profissionais, como a ele próprio acontecera.

Havendo vivido a vida inteira unicamente consagrado a tarefas profissionais e resistido, na mocidade, às seduções do ciclo revolucionário dos tenentes, o destino reservou-lhe a missão histórica de presidir a nação em circunstâncias quase dramáticas.

Os contemporâneos conhecem-lhe o valor e os serviços como estadista. A história registrará haver governado com o pensamento voltado para o futuro e haver colocado os alicerces da grande transformação do Brasil a partir de 1964.

Como estadista de um período revolucionário, caracterizou-se por um entranhado amor à democracia. Teve a coragem de fazer o que devia ser feito, afrontando conseqüências e incompreensões. Cuidou da substância e da eternidade das coisas e dos fatos, do alicerce e da infra-estrutura.

"Talvez o Governo CASTELLO BRANCO não tenha sido tão revolucionário quanto foi renovador. Reviu decididamente todas as nossas instituições, não temendo as mudanças, nem o povo", disse o Ministro NASCIMENTO SILVA.

Eis um trecho do editorial do "Jornal do Brasil", ao completar-se os mil dias de Governo: "É chegada a hora de acreditar ao Governo que se apresta a sair o saldo das ações positivas (. . .) Basta comparar a situação brasileira de 31 de março com os dados disponíveis à véspera da transmissão do poder para haver uma visão nitida, num contraste de sombra e luz. À perda da autoridade governamental, sucede-se a restauração da imagem de dignidade e austeridade. (. . .) Pela primeira vez tivemos um Governo coerente e conseqüente".

Eis o depoimento de CARLOS CASTELLO BRANCO, um dos mais severos críticos políticos: "O Marechal CASTELLO BRANCO foi um dos poucos Presidentes da República que deixaram sua marca nas instituições nacionais".

No seu governo de 1069 dias, empenhou-se a fundo na recuperação econômico-financeira do país e na ordenação político-social, promovendo inúmeras reformas, que possibilitaram novas perspectivas ao Brasil. Restabeleceu, no mais alto grau, o princípio da autoridade, manteve a ordem, salvando a nação dos extremos da anarquia e da ditadura.

Deu o maior exemplo de desapego pelo poder. Governou como quem cumpre missão. Se se quisesse caracterizar, numa só palavra, o seu governo, diríamos haver sido o governo da coragem, sobretudo de coragem moral.

A 15 de março de 1967, passou a faixa presidencial a seu velho amigo desde os tempos do Colégio Militar de Porto Alegre: O General ARTHUR DA COSTA E SILVA.

A 18 de julho de 1967, faleceu CASTELLO BRANCO. "O Ministério da Aeronáutica lamenta informar o grave acidente ocorrido às 9:30 h de hoje, dia 18 nas proximidades da Base Aérea de Fortaleza, quando a aeronave PP-ETT, do Governo do Estado do Ceará, colidiu em voo na altura de 450 metros do circuito previsto dos aviões a jato". "Em consequência do acidente, perderam a vida o Marechal HUMBERTO DE ALENCAR CASTELLO BRANCO (ex-Presidente da República), seu irmão Sr. CÂNDIDO CASTELLO BRANCO, Major do Exército MANOEL NEPOMUCENO DE ASSIS, a jornalista ALBA FROTA, e o piloto FRANCISCO CELSO TINOCO CHAGAS, que faleceu mais tarde no hospital. O outro piloto encontra-se hospitalizado em Fortaleza. O corpo do ex-Presidente CASTELLO BRANCO será trasladado para o Rio de Janeiro, por um Avro da FAB (enterro às 16 h do dia 19.7.67)".

COSTA E SILVA disse: "De minhas mãos não cairá a bandeira que juntos desfaldamos, durante três anos de tormenta, para salvar o país de um naufrágio no qual soçobriariam os valores democráticos que a maioria esmagadora dos brasileiros deseja preservar para o futuro".

ROBERTO CAMPOS fez sua elegia do pagador de promessas: "CASTELLO foi essencialmente um varão ético. Esse o seu legado e a melhor parte de seu exemplo. Sua ética tinha duas manifestações principais: o sentido de justiça e o medo da corrupção do poder. Como o pagador de promessas, carregando a cruz das incompreensões por escuras vias e Ingremes escadas, somente após a morte entrou CASTELLO no tempo da História. No tempo da História, onde às vezes se conhece a glória e tardiamente se distribui justiça. Ele mereceu ambas as coisas".

E o próprio Presidente CASTELLO disse em sua despedida: "Não quis nem usei o poder como instrumento de prepotência. Não quis nem usei o poder para glória pessoal ou a vaidade dos fáceis aplausos. Dele nunca me servi. Usei-o, sim para salvar as instituições, defender o princípio da autoridade, extinguir privilégios, corrigir as vacilações do passado e plantar com paciência as sementes que fariam a grandeza do futuro" (...) "A única lembrança que conservarei para sempre é a do extraordinário povo, que na sua generosidade e no seu patriotismo, compreensivo face aos sacrifícios e forte nos sofrimentos, ajudou-me a trabalhar com lealdade".

com honra para que o Brasil não demore em ser a grande Nação almejada por todos nós”.

6. OS TRAÇOS MARCANTES

HUMBERTO DE ALENCAR CASTELLO BRANCO foi um homem simples que a fortaleza do caráter fez imensamente grande. A fortaleza de seu caráter fê-lo vencer todos os obstáculos que o destino colocou em seu caminho: o desvio de sua coluna, a feia aparência física, a difícil vida militar, a agressiva necessidade de afirmar sua autoridade, a pesada responsabilidade na guerra e o desafio de salvar seu povo na paz, construindo-lhe a segurança do amanhã.

Sendo uma notável vocação de estadista democrático, a vida o fez sempre soldado e o chefe de uma revolução.

Os princípios que adotou para a sua vida foram todos princípios de ação militar: o da simplicidade e do objetivo, da ofensiva e da segurança, da organização e da flexibilidade, da iniciativa e da disciplina intelectual, e, acima de todos, o princípio da unidade de comando.

Eis algumas de suas obsessões permanentes: a instrução, a disciplina, a coesão, o espírito de decisão e o sentimento de autoridade, feito de força moral e competência.

Eis algumas de suas virtudes mais altas: a racionalidade e a capacidade de concentração, o poder de análise e de síntese, a simplicidade e a objetividade, a criatividade e o senso de realismo, a capacidade de assumir responsabilidades e de observar impactos, o total domínio da arte militar e do vernáculo, a inteligência sempre voltada para o futuro e, principalmente, a coragem física e moral.

Seu espírito militar construiu-se muito mais sobre os alicerces do amor à profissão do que do gosto por suas aparências, e consistiu, basicamente, em ser, entre civis, o melhor soldado e, entre militares, o melhor cidadão.

7. PALAVRAS FINAIS

Já que a roda do tempo me fez dizer tantas palavras, é chegado o momento de dizer as palavras finais.

Há dias, um amigo meu, grande pintor baiano, agora também praticando a arte de ser avô, contou-me, orgulhoso, a última do neto ZÉZINHO:

“— Vovô, quando eu ficar grandão, para onde vai o ZÉZINHO?”

Não sei que poeta terá versado aspecto assim tão profundo do eterno tema de nossa temporalidade.

Talvez CECÍLIA... Talvez CECÍLIA MEIRELES em seu “Retrato”:

“Eu não tinha este rosto de hoje,
assim calmo, assim triste, assim magro,
nem estes olhos tão vazios,
nem o lábio amargo.

Eu não tinha estas mãos sem força,
tão paradas e frias e mortas,
eu não tinha este coração
que nem se mostra.

Eu não dei por esta mudança,
tão simples, tão certa, tão fácil:
— Em que espelho ficou perdida a minha face?”

Muito nos enganamos se pensamos que as nossas imagens se perdem, as imagens que vamos deixando ao longo do caminho. Por mais que desejemos passar sem ser notados, sempre haverá quem recolha uma imagem nossa, que, fiel ou infiel, poderá seguir adiante.

Tentei trazer minhas imagens, talvez infiéis, de certo incompletas e imperfeitas, ao grande espelho, a que, ano a ano, com beneditina constância, a ECEME recolhe imagens de HUMBERTO DE ALENCAR CASTELLO BRANCO, para manter viva a sua face.